ticulares das diversas disciplinas, a **Revue de l'Enseignement Supérieur**, propõe-se, graças aos serviços da Direction de l'Enseignement Supérieur, a dar no seu primeiro número de 1964 uma visão sintética da situação atual das Universidades e do Ensino Superior francês.

Há uma quinzena de anos, com efeito, o Ensino Superior francês transformou-se profundamente; mudaram-se as propedêuticas científicas e literárias, reformou-se os estudos jurídicos e os estudos científicos, o ensino autônomo das ciências econômicas, deu-se início à reforma dos estudos de Medicina e do ensino do 3.º ciclo. Essas criações deram à Universidade um aspecto nôvo, mal conhecido e, portanto, muitas vêzes criticado.

Êsse atraso nas informações levou a **Revue de l'Enseignement Supérieur** a publicar um número especial sôbre o assunto, que estudasse a situação atual, os esforços que estão sendo desenvolvidos e os problemas a resolver, para que a Universidade tenha uma organização capaz de fazer jus às suas obrigações para com os estudantes e cumpra os seus deveres para com a pesquisa.

Êsse número apresenta-se em três partes distintas, descrevendo:

a). os estabelecimentos universitários,

b). a estrutura do ensino,

c). o número de estudantes e os resultados atuais de sua escolaridade.

Cada capítulo é acompanhado de anexos dando uma vista analítica e pormenorizada das questões tratadas: assim, por exemplo, a organização interna de cada Universidade, a composição exata de cada diploma, quadros do número de estudantes e os resultados dos exames.

Lembramos que a **Revue de l'Enseignement Supérieur**, em cada um dos números, organiza uma crônica das atividades de cada estabelecimento de Ensino Superior francês e apresenta, semestralmente, os principais atos administrativos publicados no **Journal Officiel**.

E. S. P.

*

GAGE' (Jean). — **Les classes sociales dans l'Empire Romain.** Paris. Payot. 1964. 485 pp.

Acaba de ser publicada na "Bibliothèque Historique" da Editôra Payot, Paris, uma obra do nosso mestre Jean Gagé, professor do **Collège de France**, dedicada **às classes sociais no Império Romano**.

Mesmo para as pessoas conhecedoras da cultura clássica, muitas vêzes perguntas como estas: "Que representava realmente um senador romano durante o Império?" "Um cavaleiro?" "Um liberto dos Césares"? causam embaraço, pois não sabemos exatamente o lugar social e o papel representado por êsses personagens; isso acontece tão sòmente porque a maioria das obras históricas tratam secundàriamente dêsse assunto, e também porque durante o Império Romano a

atividade, a carreira pública, de um grande número de indivíduos pertencendo a essas diversas "classes" só é conhecida através de documentos gravados, cuja leitura e estudo são assunto para especialistas em epigrafia latina e grega.

A obra do nosso mestre Jean Gagé está cheia dessa experiência de tantos anos de ensino de história romana e de epigrafia latina nas Faculdades de Letras da França e na nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Êle procura esclarecer essa dificuldade apresentando ao mesmo tempo o "esbôço" dos quadros sociais reais, mais ou menos definidos pelo direito e retratos-tipos das principais categorias, cada um descrito no seu meio material, intelectual ou moral. Deu êle um grande destaque aos dados biográficos ou "prosopográficos", mas a abundância do material fornecido pelas inscrições não diminui naturalmente o valor dos dados fornecidos pelos textos escritos.

O Prof. Gagé mostra ao leitor, discutindo exemplos precisos, as teorias defendidas nesse assunto por uma obra de Michel Rostovtzeff (1), mas sem seguir inteiramente o plano exposto por êsse historiador, nem aceitando tôdas as suas interpretações.

O Prof. Gagé insiste principalmente sôbre a diferença entre a imagem que os testemunhos históricos antigos, a partir da própria Roma, dão das relações entre o imperador e o Senado, e a impressão que se tira dos movimentos observados nas províncias: por mais respeitável que seja a conduta moral dos senadores, de formação estoica, que lutaram em Roma contra o arbítrio de muitos Césares (no I século sobretudo), essa "oposição senatorial" não condicionou o conjunto das relações de solidariedade ou de colaboração, que se estabeleceram entre o Príncipe e os governadores oriundos do Senado, na administração das províncias. Não sòmente os provinciais puderam manter, em razão mesmo da ausência entre êles do preconceito de castas, uma atitude conciliatória em face de vigilantes e liberais imperadores considerados como tiranos pelos nobres de Roma. Mas verificou-se, no conjunto, que os imensos meios de que dispunha o Príncipe para promover os habitantes do Império, os súditos provinciais, para a cidadania romana, os notáveis das cidades para a fileira eqüestre e mesmo senatorial, tiveram por efeito — talvez intencionalmente — de afogar a antiga **nobilitas** numa aristocracia cada vez mais aberta aos provinciais, e particularmente dando-lhe por função a administração das cidades. Assim, o livro do Prof. Gagé dá uma ênfase a essa "classe decurional", de que os grandes trabalhos históricos falam tão pouco.

Pareceu contraditório ao Autor que, quando o esgotamento do recrutamento dos soldados nas cidades produziu no III século uma ruralização dos exércitos imperiais, a política dos imperadores no que concerne o regime de cultura das terras tornou-se tão rotineiro

---

(1). — **Rostovtzeff (Michel). — Historia Social y Económica del Imperio Romano. Madrid. Espasa Calpe S. A. 1937. 2 vols. Tradução do texto inglês por Luís López-Ballesteros. 508 + 502 pp., LXXX lâminas.**

e tão favorável aos "latifundiários" que as populações campesinas por sua vez cansaram de fornecer recrutas para o exército.

Haverá causa mais grave, e mais fàcilmente explicável da "ruína" dêsse Império, isto é, da ruptura da sua unidade política do que êsse apontado pelo Prof. Gagé?

E. SIMÕES DE PAULA

*

Estatutos da Universidade de Coimbra (1559). Com introdução e notas históricas e crítica de Serafim Leite. Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, 1963. 394 págs.

A **Acta Universitatis Conimbrigensis** é uma coleção de obras das mais importantes que possui a cultura portuguêsa, sendo a seleção dos seus títulos da responsabilidade do Reitor da Universidade e dos professôres Manuel Lopes de Almeida e Álvaro J. da Costa Pimpão, catedráticos da Faculdade de Letras daquela Universidade e dirigentes da **Acta.**

O conjunto de estudos históricos que publicou até agora é enriquecido sobremaneira com o lançamento dêstes **Estatutos da Universidade de Coimbra** (1559), cujo texto foi criticado e anotado pelo padre Serafim Leite com aquela mesma erudição que sempre assinala os seus trabalhos.

Ainda que corresponda a um período de decadência da Universidade de Coimbra, que se inicia com a morte de D. João III em 1557 para só terminar com os novos Estatutos que lhe deu Pombal em 1772, quando então a preparação científica dos jovens brasileiros para lá remetidos ganhou notáveis resultados, o texto dos Estatutos de 1559 não perdem em interêsse para o pesquisador brasileiro. E' que Coimbra foi a maior responsável, durante pelo menos os nossos três primeiros séculos, pela formação de dezenas de brasileiros que conquistaram nível superior de ensino, vindo depois a assumir posições de destaque na administração, na economia, na religião, na política, enfim na sociedade colonial e imperial do Brasil.

A importância de que se reveste o achado dêsse manuscrito é portanto grande, pois antes apenas se podia ter uma idéia do que conteria através da conjectural identidade que devia guardar em relação aos Estatutos da Universidade de Évora, então conhecidos, conforme a falsa suposição de Teófilo Braga na história que escreveu do estabelecimento conimbricense (v. pág. 15 da **Introdução** de Serafim Leite). Entretanto, pode-se verificar agora ser improcedente tal identidade, dadas as discrepâncias existentes entre a lei orgânica de Évora e a de Coimbra.

O encôntro do documento foi feito pelo padre László Lukács, quando investigava no **Archivio di Stato,** em Roma, sôbre as classes de Latim e Humanidade dos primeiros colégios jesuítas. Por não atender o interêsse específico de sua pesquisa, dêle se desinteressou, dando ao padre Serafim Leite a oportunidade de aprovei-